

COLEÇÃO LITERATURA 6

CENTRO DE ESTUDOS EM LETRAS  
UNIVERSIDADE DE ÉVORA

## REPRESENTAÇÕES DO MITO NA HISTÓRIA E NA LITERATURA



ORGANIZAÇÃO  
ANA LUÍSA VILELA, ELISA NUNES ESTEVES  
FABIO MARIO DA SILVA, MARGARIDA REFFÓIOS

ÉVORA - MMXIV

## O mito da cavalaria na Idade Média e a tradição cavaleiresca dos árabes

NATÁLIA MARIA LOPES NUNES  
CH-FLUL  
nlnunes@hotmail.com

O mito da cavalaria desenvolveu-se, essencialmente, na Idade Média. Esta época marcou a mentalidade e a cultura, tendo por base ideologias ligadas a uma concepção cristã da Criação do Mundo e do Juízo Final. O tempo, concebido de uma forma cíclica, através das estações do ano e das festas litúrgicas, tinha um papel importante, divulgado em diversos textos medievais, nomeadamente, na poesia lírica e nos romances arturianos. Outra característica importante da Idade Média foi o feudalismo. Com ele nasceu uma série de obrigações e de serviços para com o senhor – a vassalidade. Havia ainda a cavalaria, organizada sob a forma de um ritual iniciático (armar o jovem cavaleiro), tornando-se uma das instituições fundamentais da vida medieval. Ela baseava-se em relações vassálicas ou de linhagem e obedecia a determinados valores: «respect de l'honneur du lignage et surtout respect des serments échangés, de la foi donnée. La félonie, le manquement à la "foi" devient l'un des crimes majeurs du code chevaleresque» (Baumgartner, 18).

A Idade Média foi também marcada pelas Cruzadas e a cavalaria teve um papel importante – combater o “infiel” e expandir a fé cristã – aspectos que lhe conferem uma função feudal e divina. Além disso, para defender as terras conquistadas e para proteger e cuidar dos peregrinos que se deslocavam aos locais sagrados (Terra Santa, Santiago de Compostela, etc.), foram criadas as ordens monástico-militares, de entre elas, a Ordem do Templo e a Ordem do Hospital.

A cavalaria era uma verdadeira instituição medieval baseada em aspectos políticos, económicos, religiosos e técnicos. Dos aspectos técnicos, destacamos o manuseamento da espada e da lança, quer no combate a cavalo, quer corpo a corpo. Não podemos esquecer ainda a importância dos torneios. A origem destes “jogos” situa-se entre o mito e a história, estando subjacente um ritual guerreiro e um combate cosmogónico:

Le tournoi tient du rituel guerrier mais aussi du combat cosmogonique dans la mesure où il s'inscrit souvent dans un temps et un espace symboliques.

Il appartient alors au temps de la fête donc du mythe [...]. Le combat rituel apparaît ici comme un moyen de maintenir le principe de fécondité nécessaire à toute société en exorcisant les forces maléfiques qui la menacent de mort.

Dans tous les romans, le tournoi est plutôt le rite conclusif d'une fête. Il termine en apothéose les festivités de la cour [...]. (Walter, 404)

Através do torneio, o cavaleiro mostrava a sua perícia com as armas, treinava em situações reais de combate, podia ganhar fama e dinheiro, adquiria uma certa ascensão social. Por outro lado, os torneios tinham também uma dimensão colectiva devido à quantidade de pessoas que se juntavam para assistirem ao combate. Uma característica interessante era o facto de o vencedor receber o prémio das mãos da dama ou da donzela mais bela, ou de poder desfrutar do prazer de ser escolhido (ou de ele próprio escolher) por uma donzela – aspecto que confere ao ritual um carácter pré-nupcial e relacionado com a sexualidade.

Neste sentido, os torneios contribuíram muito para a ética cavaleiresca e para o treino dos cavaleiros. Ao mesmo tempo, era uma forma lúdica de ocupar a aristocracia, articulando-se também com a literatura cavaleiresca da época. A figura de Roland e os heróis arturianos, de entre eles, Lancelot, foram os modelos literários da ideologia cavaleiresca.

Inicialmente, a Igreja não via com bons olhos a cavalaria. Os cavaleiros eram considerados homens pecadores, sem salvação possível, devido ao uso das armas para combater e matar. A única via de salvação era a vida monástica, sem pecado e sem perdição. Contudo, após alguns anos de disputas, a Igreja reconheceu a importância da cavalaria. O ritual de “armar um cavaleiro” tornou-se numa cerimónia cristianizada:

Aussi, lorsque l'Église voulut contrôler une cérémonie qui était née en dehors d'elle, elle dut utiliser des moyens qui lui étaient propres pour christianiser le rituel: l'utilisation de bénédictions fut l'un de ces procédés. L'examen des sources liturgiques et en particulier des *ordines* de l'adoubement permet de mesurer cette intrusion progressive du clergé dans des cérémonies considérées jusque là comme strictement profanes. (Walter, 354)

A cavalaria interligou-se também com as Cruzadas, deixou de ser inferiorizada e menosprezada, passando a ter um papel fundamental na luta contra os “infiéis”. O principal impulsionador das Cruzadas foi o papa Urbano II. O seu apelo no concílio de Clermont em 1095 incita à chamada “guerra santa” - combater contra o inimigo islâmico era combater pelo triunfo de Deus e do próprio Cristianismo:

Vous devez aller au secours de vos frères qui habitent en Orient; les Turcs et les Arabes se sont précipités sur eux et ont envahi la Romanie jusqu'au Bras de Saint-Georges; les églises ont été détruites, Lieux Saints ravagés, et Antioche.

siège de saint Pierre, occupé par les Gentils ; bientôt, si vous n'y mettez ordre, ils porteront leurs ravages plus loin ; c'est pourquoi je vous conjure, non en mon nom, mais au nom du Seigneur [...] à secourir les adorateurs du Christ et à chasser la race impie. (Rousset, 41)

Assim, com o espírito de Cruzada, o mito da cavalaria adquiriu uma maior valorização. Sendo aceite pela Igreja, ao admitir-se o uso das armas, deslocou-se a cavalaria ao serviço da Igreja. Segundo Jean Flori:

L'usage des armes, d'abord rejeté, puis admis comme un pis-aller entaché de faute et nécessitant purification et pénitence, devient à son tour pénitence. Parce qu'ils font un mauvais usage de leur épée dans la chevalerie du siècle, les chevaliers sont invités par l'Église à expier leurs péchés par un acte pénitentiel. Or, celui-ci ne consiste plus, comme c'était le cas dans les pèlerinages si fréquemment prescrits aux 10<sup>ème</sup> et 11<sup>ème</sup> siècles, à se rendre à Jérusalem en pèlerins, en pénitents, sans armes, mais à user au contraire de ces armes contre l'ennemi désigné de la chrétienté, les Sarrasins, les musulmans assimilés aux païens de l'Antiquité et diabolisés à leur image. (Flori, 89)

Essa "guerra santa" passou ter um carácter sagrado. Através dela, os cruzados e os cavaleiros beneficiavam de alguns privilégios, materiais e espirituais, elevando-os à categoria de heróis: Carlos Magno, Roland, Guilherme... Lutar contra o "infiel" era uma das formas de adquirir a salvação eterna, aspecto salvaguardado pelas indulgências que a Igreja concedia aos cruzados.

O objectivo principal das cruzadas era libertar os locais sagrados dos chamados "inimigos da fé". Estes invadiram a Terra Santa durante os séculos VII, VIII e IX e molestaram os peregrinos. Lutar contra os invasores dos locais sagrados sacralizou a guerra tornando-a um ritual de purificação: aquele que usava a sua espada ao serviço da dilatação da fé cristã estava purificado e purificado do pecado de matar. No entanto, os ideais da Igreja tentaram sobrepor-se aos ideais cavaleirescos (por exemplo, através da proibição dos torneios), mas a cavalaria impôs as suas próprias regras e em 1316, o papa XXII acabou por autorizar a realização de torneios.

Hermeticamente, o mito da cavalaria (e do Graal) influenciou os Hospitalários e os Templários. O papel de S. Bernardo de Claraval na difusão dessas milícias foi preponderante: S. Bernardo (1090-1153), monge cisterciense fundador da abadia de Claraval, elogiou o papel dos Templários. Ele próprio fora seduzido pelos seus ideais de castidade, obediência, pobreza. Ao escrever a regra, o seu objectivo consistia em mover o Papa a estabelecer a constituição definitiva da Ordem dos Templários, concedendo-lhe uma grande independência, incluindo o usufruto da inserção da justiça episcopal - privilégios que lhes permitiram adquirir um tesouro incalculável.

Esta ordem é análoga à cavalaria espiritual no que diz respeito ao seu carácter iniciático. Os rituais, apesar de secretos, foram, no entanto, critica-

dos por vários membros da Igreja, nomeadamente, por Inocêncio III que «acusou os Templários de cultivar a “doutrina dos demónios”, que equivalia simplesmente às ciências sobrenaturais» (Evola, 192). Os cavaleiros do Templo foram acusados de repudiar a confissão e a penitência. Por outro lado, não reconheciam a autoridade da Igreja e do Papa:

Ora a cavalaria templária foi tipicamente uma Ordem em que o combate, e sobretudo a “guerra santa”, tinham o valor de uma via de ascese e de libertação. Assumia exteriormente o Cristianismo mas no seu mais profundo mistério – sendo este, porém, reservado, como é natural, a um círculo interno – superava-o, repelindo o seu aspecto cristológico e as principais limitações de ordem devocional, tendendo, pouco a pouco, a submeter o princípio da suprema autoridade espiritual a um centro diferente de Roma, ao qual competia, mais do que a Igreja, a designação mais augusta e universal de Templo. (Evola, 184)

A nível hermético, podemos ainda relacionar o mito da cavalaria (e do Graal) com os Rosa-Cruz. Esta corrente esotérica surgiu após a extinção dos Templários, sendo fundada no século XIV por Christian Rosenkreuz e estando também ligada ao Cristianismo e aos Fiéis d’Amor. O mito da cavalaria e do Graal, assim como as correntes esotéricas referidas, pressupõem a realização de várias provas iniciáticas:

“Rosa-Cruz” representa essencialmente um grau iniciático e uma função, não a pessoa como tal. Diz-se, assim, que o “Rosa-Cruz” não está sujeito às contingências da natureza, às suas necessidades, às doenças e à velhice: que ele vive em todos os tempos, como viveu no princípio do mundo e como viverá no fim dos séculos. (Evola, 231)

Através da obra de Dumézil pode compreender-se melhor o mito da cavalaria. O autor apresenta três tipos diferentes de iniciação: a artesanal (parte da espiritualidade para a manifestação, ou seja, deve efectuar-se uma obra para o Criador); a cavaleiresca (o que está em causa é a manifestação e o Princípio e a relação hermética entre os dois); a sacerdotal (forma de retorno ao Princípio). Esta última iniciação – a sacerdotal – é uma iniciação e nela estão presentes aspectos simbólicos:

Hoje ocultada, prenunciando, talvez os temas do retorno de Cristo ou do eclodir da Idade do Espírito Santo) - “melhores coisas” para um Ocidente que está doente física, anímica e espiritualmente e que, no dealbar do século XXI que – como dizia Malraux ou será espiritual ou não existirá, pura e simplesmente – tem como em toda a iniciação, de morrer de algum modo (e morrer é também abrir-se aos outros, transcender o etnocentrismo), para depois ressuscitar, pleno de Força tolerante e irradiando Sabedoria e Beleza “ad majoram Dei gloriam”, “para a maior glória de Deus”. (Evola, 82-83)

A cavalaria relaciona-se também com o amor cortês. No século XII, no sul de França, com a poesia trovadoresca, surge o amor cortês que se expandiu por todo o Ocidente. O cavaleiro já não combatia apenas pela religião nem pelo seu senhor, ele combatia essencialmente pela dama que amava. Este amor regia-se por diversas leis que era preciso respeitar: o cavaleiro cortês ama uma mulher excepcional que se distingue pelas suas qualidades e pela sua beleza; ele deve merecê-la e, para isso, deve ser generoso, discreto, paciente, fiel – este é o amor e a relação entre homem e mulher transmitidos nas cantigas de amor e em alguns romances medievais.

Assim, a literatura medieval também difundiu a ideologia cavaleiresca, desenvolvendo uma nova dimensão cultural e ideológica. No século XII, com o romance cortês, o herói ou cavaleiro apresentam provas de coragem guerreira e de elegância, sentimentos de delicadeza, generosidade e, sobretudo, o amor por uma dama. O autor francês Chrétien de Troyes foi um dos que contribuiu para a difusão da ética e da ideologia cavaleiresca. O autor, membro do clero, viveu na corte de Marie de Champagne. Os seus romances foram escritos entre 1165 e 1190. Ao pegar nas lendas bretãs, interpretou-as consoante os seus próprios gostos e segundo os ideais da época. No que diz respeito ao amor, um aspecto relevante presente nos romances é o carácter moralista. Nesse sentido, o autor afasta-se da ideologia cortês, condenando o adultério. *Lancelot, le Chevalier de la Charrette* é o único romance onde esse tema está presente, assemelhando-se ao amor presente em *Tristão e Isolda*. Os outros romances pretendem demonstrar a felicidade do amor conjugal (*Erec et Enide*), o dever da fidelidade (*Cligés*), os perigos que o espírito de aventura representa para o amor (*Yvain, le Chevalier au Lion*). O último dos seus romances (*Perceval le Gallois ou Le Conte du Graal*) orienta já a cavalaria para um ideal religioso.

Porém, para entendermos as obras de Chrétien de Troyes, não devemos esquecer que a Idade Média se caracterizou também por uma variedade de símbolos que é preciso descodificar e que contribuíram para o desenvolvimento do mito da cavalaria. Esses símbolos surgem em todos os domínios, como por exemplo na literatura, na arte, e na arquitectura. Segundo Jacques Le Goff:

O homem medieval é um “descodificador” contínuo, o que reforça a sua dependência em relação aos clérigos, peritos em simbologia. A simbologia comanda a arte e, em especial, a arquitectura, para a qual a Igreja é, acima de tudo, uma estrutura simbólica. Impõe-se na política, onde o peso das cerimónias simbólicas, como a sagração dos reis, é considerável e onde as bandeiras, os brasões e as insígnias desempenham um papel fundamental. Reina na literatura, onde assume frequentemente a forma de alegoria. (Le Goff, 27)

O mito da cavalaria deve também ser interpretado à luz ético-alegórica, aspecto que lhe confere um carácter místico. Todavia, é no romance *Perceval le Gallois* ou *Le Conte du Graal* de Chrétien de Troyes e n'A *Demanda do Santo Graal* que aparecem esses temas com sentido espiritual, «apresentados em código ascético e onde a misteriosa presença do Graal – ora taça ou bacia dotada de virtudes mágicas, ora pedra munida de poderes ocultos – é descodificada de acordo com uma pontual simbologia eucarística» (Le Goff, 67).

Porém, todos os aspectos referidos estão intimamente ligados à tradição cavaleiresca do mundo árabe. Não se pode ignorar a importância da mulher, do cavalo e da honra no mundo islâmico (ou mesmo pré-islâmico). A tradição cavaleiresca dos árabes deve-se procurar na “devoção” à mulher, característica que já se encontrava na literatura pré-islâmica, nomeadamente na poesia. Essa característica teve uma grande influência na cavalaria ocidental. Como afirma Wacyf Boutros-Ghali:

Les chevaliers apprirent à être galants et courtois, non seulement vis-à-vis des dames, mais encore envers toutes les femmes, à quelque condition qu'elles appartenissent ; au contact enfin du génie arabe, les rudes mœurs guerrières du Moyen Âge se modérèrent se transformèrent en devenant plus douces, plus aimables, plus délicates, plus gracieuses. Telle serait en résumé l'influence des arabes sur la Chevalerie Occidentale. (Boutros-Ghali, 23)

Fidelidade, lealdade, proeza e cortesia eram algumas das principais virtudes. No entanto, deve-se ainda acrescentar a estas virtudes a generosidade, a bravura e a defesa dos mais fracos. O exemplo mais significativo da cavalaria árabe na literatura é o *Romance de Antar*. Nele reflecte-se uma diversidade de tradições históricas sobre a Arábia antiga, escritas em prosa poética, misturada com alguns versos. Antar, o herói principal, foi uma personagem histórica, guerreiro e poeta da época pré-islâmica que viveu por volta do século VI. Contudo, se a personagem é histórica, a sua vida surgiu envolta em lendas que exaltaram a figura do beduíno e do seu espírito cavaleiresco, aventureiro e amoroso.

As aventuras de Antar retratam sobretudo as lutas com diversas tribos, cujas proezas eram uma forma de se aproximar da sua prima Abla por quem se apaixonara. A sua morte, assemelhando-se à de Aquiles e à de Roland, enaltece o carácter guerreiro do herói como defensor da tribo, fiel aos seus princípios e ao amor por Abla.

Poussé par la fatalité, il s'avance au bord des eaux, et, soupçonnant la présence de quelque étranger, il appelle son frère Djérir pour l'envoyer reconnaître l'autre rive. A peine il a élevé sa voix puissante, qui fait retentir les vallons et les montagnes, qu'une flèche l'atteint au côté droit et pénètre dans ses entrailles. Aucune plainte, aucun gémissément indigne de son courage ne trahit sa douleur. Il arrache le fer de sa blessure, et s'écrie : « O toi, dont la main perfide

s'est guidée sur le son de ma voix pour me frapper dans les ombres de la nuit, que ne puis-je te connaître, pour te poursuivre jusqu'au fond des déserts et te faire servir de pâture aux animaux sauvages ! Traître, qui n'a pas osé m'attaquer à la clarté du jour, tu n'échapperas pas à ma vengeance ; tu ne jouiras pas du fruit de ta perfidie. » [...]

Les guerriers, qui aperçoivent sa chute, s'empresstent de voler vers lui. Ils s'étonnaient de voir étendu sans vie sur la poussière celui qui avait fait trembler l'Arabie, et ne pouvaient se lasser d'admirer sa taille gigantesque. Renonçant à l'espoir d'atteindre la caravane, qui avait dû arriver pendant la nuit à la tribu des Bènou-Abs, ils se contentèrent de dépouiller Antar de ses armes pour les emporter chez eux comme un trophée. En vain ils voulurent saisir son coursier. Après la mort de son maître l'Abjer n'aurait plus eu de cavalier digne de lui. Plus rapide que l'éclair, il disparaît à leurs yeux et s'enfonce dans les déserts<sup>1</sup>.

Antar surge como o protótipo do cavaleiro do deserto. Ao longo do romance, ele procura ser integrado na tribo, conquistar o amor de Abla e obter o consentimento do pai para poder amá-la livremente. Nele, destaca-se a grande dedicação ao amor e à generosidade. Por outro lado, e ainda no que se refere ao amor, Antar foi o mestre da arte de sublimar a paixão amorosa numa fusão exemplar com o seu carácter guerreiro.

Mas os grandes poetas árabes do amor surgem nos finais do século VII, inícios do século VIII, com o amor udri. O par amoroso mais célebre foi Layla e Majnun, cuja tradição remonta ao século VI/VII ainda no período pré-islâmico. A influência deste amor será bem visível na poesia trovadoresca europeia e na poesia mística, sendo o amor humano a metáfora perfeita do amor divino. Assim, à semelhança da mulher das cantigas de amor, a figura feminina surge divinizada. Layla será a representação humana da manifestação de Deus, onde se pressupõe a existência da Unidade, sendo a própria Criação uma teofania:

E foi na sua pessoa que se fundiu o amor de um homem de tal maneira que, às tantas, no labirinto do Universo que habitamos, o amor por uma mulher se transforma no amor por Deus.

Laila é a inspiradora da fusão mais ampla do amor, e hoje ainda, e tantos séculos já passaram, a filosofia se deslumbra com tal fenómeno [...]. (Mervin, 94)

Saliente-se, no entanto, que Layla é um ser humano, uma mulher, a imagem de Deus, a mediadora entre o amor humano e o amor divino:

La Création étant théophanie, et étant comme théophanie anthropomorphise, c'est-à-dire manifestation de Dieu sous la forme humaine céleste (cf. encore

<sup>1</sup> Idem, Anonyme, *Le Roman d'Antar*, oeuvre numérisée par Marc Szwajcer, in <http://www.macle.org/bloodwolf/arabe/antar/roman1.htm#AMO> (consultado em 17 de Maio de 2011).



infra), il s'ensuit que dès la prééternité de la Création, il y a *unio mystica* entre la divinité et la forme humaine. C'est ce même rapport théophanique, fondement spéculatif (*speculum*, miroir) de l'identité entre amour, amant et aimé, qui fonde la révélation de l'amour divin dans l'amour humain, parce que l'amour humain, à la limite de son expérience mystique, est précisément cette forme de l'amour divin [...]. Majnûn est Layla; il sait que c'est Layla qui s'aime elle-même dans l'amour de Majnûn pour elle. Majnûn a alors compris le *tawhîd* ésotérique: c'est dieu qui s'aime soi-même dans son amour; à lui Majnûn, pour la beauté de Layla qui lui révèle ce Dieu. (Corbin, 80-81)

No Sufismo, corrente mística do Islão, Layla e Majnun foram aqueles que melhoram simbolizaram o amor do homem por Deus. Além disso, no âmbito da cavalaria com um carácter espiritual, surgem alguns tratados de cavalaria sufi, *futuwah*, ou seja, os costumes, tradições e práticas que constituíram o código da vida cavaleiresca muçulmana durante a Idade Média. Contrariamente à cavalaria no ocidente medieval, onde a iniciação guerreira tinha ligações com a iniciação propriamente espiritual, no Islão não existia uma organização oficial dessas instituições iniciáticas, como existiam, por exemplo, nas ordens monásticas e cavaleirescas.

A obra persa do século X-XI atribuída a Abū Abd al-Rahman ibn al-Husayn al-Sulamī (325/932-412/1021), *Futuwah*, apresenta diversos comportamentos e atitudes que devem ser desenvolvidas na cavalaria espiritual, sendo a honra e a fidelidade valores que se encontram também na cavalaria ocidental:

- 24) La Futuwah consiste à répondre au devoir de l'honneur et à l'esprit de chevalerie [...]
- 25) La Futuwah est de ne jamais cesser de témoigner fidélité à celui qui fut ton compagnon des jours difficiles<sup>2</sup>.

Importa destacar mais uma vez que no Ocidente, em finais do século XII, inícios do século XIII, a cavalaria profana ou terrestre adquiriu um carácter espiritual, por vezes místico. Na literatura, esse reflexo surge nos cavaleiros da Távola Redonda. Saliente-se ainda a relação da cavalaria com o amor, nomeadamente com o amor cortês, onde a mulher passa a ter um papel de destaque.

São conhecidas as diversas teses sobre a origem e as influências da lírica trovadoresca. Uma dessas teses, a qual partilhamos, não rejeitando, no entanto, todas as outras, remete para a influência árabe. Muitas das cantigas amorosas e eróticas do al-Andalus têm semelhanças com os cantos dos trovadores. E. Lévi-Provençal, especialista em estudos sobre o al-Andalus,

<sup>2</sup> *Futuwah. Traité de Chevalerie Soufie*, p. 35.

refere as fortes influências e relações da poesia popular hispano-árabe e a poesia dos trovadores, existindo mesmo uma relação de equivalência:

L' "amour courtois", ou spiritualisé ou platonique, est exactement l'équivalent de ce que les arabes d'Espagne appelaient le *hubb al-muruwa*. Je crois même de plus que cette glorification d'un amour spiritualisé, qui caractérise tant de productions poétiques de l'époque médiévale, a été empruntée par l'Europe à l'Espagne musulmane<sup>3</sup>.

O autor menciona ainda algumas semelhanças temáticas da poesia trovadoresca, principalmente o tema do amor, com as composições hispano-árabes (zéjel e *muaxa*). As formas poéticas denominadas por zéjel surgiram sob a dominação do califado de Córdoba, no século IX. É nesse contexto do al-Andalus que nasce uma literatura anterior àquela que iria florescer, posteriormente, na Provença. Por outro lado, também é conhecida a forte influência dessa poesia num dos primeiros grandes trovadores – Guilherme IX – que teria ido buscar as formas e os temas das suas composições à poesia hispano-árabe. A influência da cultura islâmica desenvolveu-se sobretudo a partir do século XI, sentindo-se em todos os sectores da vida quotidiana e na cultura da época:

Sans parler des rapports de l'ordre purement intellectuel, il est admis aujourd'hui que l'Espagne musulmane a représenté pour l'Europe méditerranéenne un foyer de civilisation raffinée, de vie luxueuse et policée, une sorte de conservatoire des belles manières et du bon ton<sup>4</sup>.

Além disso, a teoria do amor cortês preconizada pelos trovadores europeus seguia exactamente a mesma ideologia da poesia hispano-árabe – a obediência à mulher, o serviço de vassalagem prestado e a submissão completa à mulher, tratada pelo género masculino, em francês *midons* e na poesia galaico-portuguesa *senhor*. Citando novamente A. Lévi-Provençal:

L'une des conditions du succès de l'amant, dans la théorie de l'amour courtois, en Espagne musulmane comme en France méridionale, est, par ailleurs, son obéissance stricte à la femme aimée. Il y a là une sorte de "service amoureux" exactement décrit de la même façon dans l'une et l'autre poésie [...]. La soumission à l'être aimé, la *ta'a*, fait l'objet d'une fine analyse psychologique de la part d'Ibn Hazm [...]. Autre détail curieux: quand, dans la poésie arabe, l'amant s'adresse à sa maîtresse, en général, il l'appelle monseigneur, mon maître, *saiydi*, *mawlaya*, au masculin, et non au féminin *sayyidati* ou *mawlati*. Or, les troubadours usent du même procédé: *midons* non madonne<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> E. Lévi-Provençal, "Les Troubadours et la Poésie Arabo-andalouse", in [http://www.lapenseedemidi.org/revues/revue1/articles/2\\_trobadores.pdf](http://www.lapenseedemidi.org/revues/revue1/articles/2_trobadores.pdf)

<sup>4</sup> Idem, in [http://www.lapenseedemidi.org/revues/revue1/articles/2\\_trobadores.pdf](http://www.lapenseedemidi.org/revues/revue1/articles/2_trobadores.pdf)

<sup>5</sup> Idem, in [http://www.lapenseedemidi.org/revues/revue1/articles/2\\_trobadores.pdf](http://www.lapenseedemidi.org/revues/revue1/articles/2_trobadores.pdf)

Em conclusão, o período pré-islâmico, para além da ideologia cavaleiresca, já desenvolvia a temática do amor entre um homem e uma mulher idealizada, inacessível, semelhante a uma deusa. Por outro lado, foi também através do modelo do amor humano que os sufis expressaram sentimentos de amor, predominando a submissão, a exaltação, o sofrimento amoroso. O amor humano tornara-se o espelho onde o homem (sufi) se une a Deus, através da união simbólica, ou metafórica, entre um homem e uma mulher. Ibn al-Farid expressou bem essa ideologia da vassalagem e da submissão através do verso «Eu sou teu escravo». Autores como Briffault e Shah referiram as semelhanças entre a poesia dos trovadores e algumas expressões da mística sufi. Se os primeiros elogiavam a mulher amada, os segundos louvavam a divindade: «en tanto que los sufies cantaban alabanzas al Ser Divino del islam esotérico, los trovadores cantaban las alabanzas de sus musas femeninas de carne y hueso» (Goffman, 180).

Em Portugal, a época que mais influenciou a poesia galaico-portuguesa foi a do Segundo Período Abássida. Este período decorreu entre 1000-1258, dando-se um grande florescimento da poesia do al-Andalus. Nesse período, surgiram duas novas formas estróficas – a *muaxa* e o *zéjel* – que influenciaram a poesia galaico-portuguesa, nomeadamente as cantigas de amigo. O tema do amor foi também uma das temáticas da poesia trovadoresca, estendendo-se aos romances de cavalaria, verifica-se uma estreita relação entre a cavalaria e o amor cortês. Além disso, no século VIII, devido à importância do cavalo na cultura islâmica, surgiu a criação de um género literário denominado *Furūsiyya*. Mas é sobretudo a partir do século XIII que este género se desenvolveu, através de diversos tratados de equitação. As obras integradas neste género englobavam tudo o que dizia respeito à equitação, as competências e conhecimentos equestres e também a cavalaria. A.-M. Edde reforça essa ideia ao afirmar que «toutefois, c'est surtout à partir de 1250, à l'époque mamelouke, que de véritables traités d'équitation (*furūsiyya*), comportant tout ce qu'un bon chevalier doit savoir, furent rédigés» (Edde, 147). Nesse sentido, foi marcante a influência da tradição cavaleiresca árabe que teve as suas raízes na época pré-islâmica, estendendo-se rapidamente ao Ocidente através das rotas comerciais e das peregrinações aos locais sagrados, contribuindo para a criação do mito ocidental da cavalaria profana e mística.

#### Referências bibliográficas

- BAUMGARTNER, Emmanuèle. *Histoire de la Littérature Française – Moyen Âge – 1050-1486*. Paris: Bordas, 1988.
- BOUTROS-GHALI, Wacyf. *La Tradition Chevaleresque des Arabes*. Col. «BAB – Bibliothèque Arabo-Berbère». Casablanca: Éditions EDDDIF, 1996.

- CORBIN, Henri. *En Islam Iranien – Aspects Spirituels et Philosophiques*. Tome III *Les Fidèles d'amour; Shi'isme et soufisme*. Col. «Tel». Paris: Gallimard, 1972.
- EDDE, A.-M. «Traité sur les enfants d'un auteur arabe du XIII<sup>e</sup> siècle», in DUBOIS, Henri; ZINK, Michel, *Les Âges de la Vie au Moyen Âge*. Actes du colloque du Département d'Études médiévales de l'Université de Paris-Sorbonne et de l'Université de Friedriche-Wilhelm de Bonn, Provins, 16-17 mars 1990. Col. «Cultures et Civilisations Médiévales VII». Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1992, pp. 139-149.
- EVOLA, Julius. *Os Mistérios do Graal*. Col. «Janus – Textos Tradicionais». Trad. Maria Luisa Rodrigues de Freitas. Lisboa: Vega, 1978.
- FLORI, Jean. *La Chevalerie*. Col. «Bien Connaitre». S/l. Édition Jean-Paul Gisserot, 1998.
- GOFFMAN, Ken. *La Contracultura a través de los Tiempos – De Abraham al Acid-House*. Trad. Fernando González Corugedo. Col. «Crónicas». Barcelona: Editorial Anagrama, 2005.
- LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo, 1.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- LÉVI-PROVENÇAL, E. «Les Troubadours et la Poésie Arabo-andalouse», in [http://www.lapen.secedemidi.org/revues/revue1/articles/2\\_trobadors.pdf](http://www.lapen.secedemidi.org/revues/revue1/articles/2_trobadors.pdf) (consultado em 17 de Maio de 2011).
- MERVIN, Sabrina; PRUNHUBER Carol. *Mulheres – Grandes Mitos Femininos através do Mundo*, vol. 1, 1.<sup>a</sup> ed. Trad. Manuel Portela. Mem Martins: Vega/Multilar, 1994.
- ROUSSET, Paul. *Histoire des Croisades*. Col. «Bibliothèque Historique». Paris: Payot, 1978.
- WALTER, Philippe. *La Mémoire du Temps – Fêtes et Calendriers de Chrétien de Troyes à La Mort Artu*. 1.<sup>ère</sup> éd. Col. «Nouvelle Bibliothèque du Moyen Âge, 13». Paris: Honoré Champion, 1989.
- ANONYME. *Le Roman d'Antar*. Oeuvre numérisée par Marc Szwajcer, in <http://remacle.org/bloodwolf/arabe/antar/roman1.htm#AMO> (consultado em 17 de Maio de 2011).
- FUTUWAH. *Traité de Chevalerie Soufie*. Trad. et introd. par Faouzi-Skali. Col. «Spiritualités Vivantes». Paris: Éditions Albin Michel, 1989.